



Reverências e irreverências no campo literário em língua portuguesa: nota introdutória

O presente número da *Revista Diadorim* propõe uma discussão sobre os diálogos que autores de língua portuguesa estabelecem entre si ou com obras de tradições literárias e artísticas oriundas de outros contextos linguísticos. Se, por um lado, a instituição literária abriga projetos que se contrapõem às formas de ortodoxia política, ela favorece, por outro, o surgimento de conflitos internos de natureza estética, que incitam os escritores a uma comunicação com textos próximos ou distantes, por via da homologação ou da diferenciação do que lhes precede. Por se tratar de um fenômeno que faz interagir modelos, abre-se ao texto a fecunda hipótese das relações (explícitas ou secretas) com outras obras (escritas ou orais), problema que já mereceu atenção de intelectuais de diversos quadrantes, como Ángel Rama, Antonio Candido ou Bernard Mouralis, Mikhail Bakhtin, Georg Lukács ou Pierre Bourdieu, James Joyce, Kafka ou Borges, Ítalo Calvino ou José Saramago, Ruy Duarte de Carvalho ou Silviano Santiago, entre tantos outros nomes.

Ao compreenderem o ato de escrever como o resultado de processos que engendraram alianças e embates, os artigos deste dossiê colocam em debate, a partir de distintas metodologias, um conjunto de zonas de fronteira cuja delimitação se afigura decisiva para um melhor entendimento dos rumos assumidos pelas letras de língua portuguesa. Trata-se de trazer à cena materiais que, no terreno da criação e da crítica, põem em movimento relações internas e externas.

Por serem os principais passageiros deste espaço de contatos, os escritores ganham um especial relevo neste número. Abrindo o dossiê, “Dekodrá”, o conto de **Ana Paula Pacheco**, a um só tempo melancólico e humorado, coloca-nos sob o signo do desconcerto, interditando-nos o conforto que a ilusão referencial nos oferece. Remetendo-nos ao Odradek, o inapreensível ser criado pela narrativa de Kafka e acolhido no *Livro dos seres imaginados*, de Borges, a



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

autora nos conduz a outros espaços de dissolução ao nos confrontar com esse clone que “vive alternadamente no gabinete subterrâneo da Universidade, nos corredores, no escritório anexo à lavanderia, onde a roupa suja se lava em casa” e, sendo “a última oportunidade de atualizarmos nossa inteligência”, nos últimos tempos “anda com cara de quem comeu e não gostou.” Trata-se, indiscutivelmente, de um modo vivo de ler algumas das fraturas de nossa acidentada contemporaneidade com a cumplicidade de vozes de terras, tempos e línguas distantes. Em seguida, na forma de depoimento, **Edimilson de Almeida Pereira** e **Prisca Agustoni**, cada um a sua maneira, vêm confirmar a pertinência de toda esta discussão, revelando a singularidade de processos que, espelhando o peso das vivências de cada um, trazem à superfície a complexidade da relação entre escrita e experiência e as diferentes possibilidades de ler as tradições com que podem estabelecer trocas. Prisca parte de sua inserção em um universo multilíngue e, ao ressaltar a mesclagem que a formou como cidadã e artista, oferece-nos argumentos interessantes na defesa da prática literária apta a investir na soma de “nacionalidades, intercâmbios, línguas, leituras, influências, trocas: em tempos de migrações, viagens, conexões, traduções”. Traz-nos ainda dados acerca da autotradução, procedimentos que, atualizado por ela, desvela os agenciamentos de sentido que se renovam em contextos contemporâneos balizados pela aceleração do tempo e multiplicação dos espaços. Por sua vez, Edimilson de Almeida Pereira, situando a origem de sua atividade literária nos duríssimos anos da ditadura militar brasileira, ressalta a sua convivência “com escritores cujas obras falavam em consonância com a vontade de uma voz coletiva, isto é, de uma comunidade ansiosa pela recuperação dos seus direitos sociais”. Tal preocupação, se estabeleceu vínculos com um projeto ético, não o dispensou de cultivar os enfrentamentos com a linguagem que estão na base de um vigoroso projeto estético, assim como a procura de notáveis companhias no plano da escrita, em que aos autores brasileiros se misturam vozes que ecoavam da África e do Caribe, não o afastaram de “influências decisivas das culturas populares através dos seus poetas e narradores orais (Nélson de Jacó, Pedro Oscar, Barandão, José Paulino Clemente, Orlando Lucas, Mário Braz da Luz, Synéas Martins Campello, enfim, uma roda de pessoas do interior de Minas Gerais) e de suas ritualidades (Carnaval, Congado, Jongo, Folia de Reis, ensalmos e uma miríade de pequenos gestos sagrados)”. Nos três textos, diversos em seus focos, percebemos a aposta no cosmopolitismo da escrita que não renuncia ao compromisso com as demandas que a História, no terreno individual e coletivo, impõe à literatura.

No primeiro ensaio deste dossiê, **Mariana Pinto dos Santos** reflete sobre o intercâmbio entre o pictórico e o literário na obra de Almada Negreiros, apresentando-nos elementos que demonstram como a prática e a teoria pictóricas de Negreiros determinam sua singularidade literária, manifesta na força que o primado da visão alcança na concepção de vanguarda cultivada na obra do multifacetado artista português. Propondo uma espécie de corpo a corpo com algumas obras, em sua reflexão sobre o fazer artístico do intelectual/artista, a autora detém-se em conceitos como modernidade e modernismo, cruciais na análise das vanguardas, observando a

“necessidade de desierarquizar periferias em relação a centros eleitos como modelos em relação aos quais a periferia estaria sempre em atraso”. Sem esquecer a auto-visitação, remete-nos a uma ideia de linguagem universal também colhida em “propostas poéticas de Blaise Cendrars, Guillaume Apollinaire, cruzadas com as propostas plásticas dos Delaunays, todos partindo da correspondência entre vogais e cores feita por Arthur Rimbaud”. A ligação apontada entre a vocação antropofágica na criação artística e a circulação de informação que incide sobre a interpretação e a recriação coloca-nos, de algum modo, diante de processos radicais de transculturação que interferem nas trocas, reverentes ou irreverentes, entre as tradições.

Maria Luiza Scher Pereira, por sua vez, observa a dimensão política da literatura brasileira contemporânea por um ângulo menos visitado no campo crítico, convocando-nos a observar o sentido e a dimensão das permanências e rupturas inscritas na formação de diferentes sistemas literários. Ao analisar os diálogos que os contos de Rubem Fonseca, Nélida Piñon e Clarice Lispector estabelecem com a tradição literária portuguesa, em particular de Almeida Garrett, Camões e Eça de Queiroz, a autora traz para a sua leitura uma faculdade percebida na produção desses autores, isto é, a capacidade de “ler os textos também naquilo que eles encobrem, mascaram e silenciam.” Trata-se, pois, de uma bem realizada tentativa de decodificar artificios de linguagem que compõem “discursos de interpretação de nós mesmos e das negociações entre esquecimento e memória na nossa história marcada pela violência da colonização, da escravidão, das ditaduras, dos preconceitos, e das exclusões de diversas ordens”, e, desse modo, valorizar o modo como aqueles textos nos convidam a uma atitude de leitura ativa, capaz de entrelaçar tempos, em um processo crítico e criativo que aproxima o leitor do escritor.

Os laços criados entre as literaturas brasileira e portuguesa também estão no foco de **Sandra Sousa**, que analisa o romance policial *Um Crime Capital*, de Francisco José Viegas, percorrendo as vias com que o autor procura fugir das normas dos clássicos do gênero, projeto que se alimenta fortemente de laços intertextuais com Rubem Fonseca, escritor conhecido pelas incursões criativas que fez ao chamado “roman noir”. Para além de alguns temas e estratégias narrativas que aproximam as obras destes dois autores, Sousa destaca no romance de Viegas a inclusão de Mandrake, o detetive criminalista de Fonseca, que o leitor pode ainda associar ao personagem de história em quadrinhos criado em 1934 por Lee Falk, inspirado, por sua vez, no mágico Leon Mandrake, que atuava no teatro na década de 1920. Nessa rede podemos perceber a concepção de literatura como uma multiplicação de contatos que podem ultrapassar o seu próprio terreno. Quanto a *Um crime capital*, podemos depreender que o romance é, “além de uma conversa com Rubem Fonseca, um elogio ao escritor brasileiro e ao seu modo de ‘fazer’ romances policiais”.

Por via de uma abordagem comparativa pouco habitual entre nós, porque centrada em textos de diferentes universos linguísticos, **Marco André Fernandes da Silva** identifica o que considera afinidades de relevo na concepção de poesia do português Herberto Helder e do nicaraguense Ernesto Cardenal, dois poetas bastante diferentes se tomarmos em conta o seu

percurso e o repertório que produziram. Traços dessa convergência manifestam-se na concepção de tradução poética que os orientou na seleção e organização de antologias de poemas provenientes do que denominam culturas ancestrais. Segundo o autor, se não se pode pensar propriamente na eleição de um modelo, é legítimo considerar a ideia de “uma fonte de inspiração”, quando verificarmos que “sensivelmente mais de metade dos textos presentes nos *Poemas Ameríndios* também se encontram na *Antología de Poesía Primitiva* de Ernesto Cardenal”. Para ambos, o trabalho de tradução não se funda em equivalências ou similaridades, mas “na liberdade, na apaixonada cumplicidade, no prazer de procurar, e tentar encontrar, um texto que reproduza *poeticamente* o texto original”.

O registro de dados textuais e extratextuais que permitem localizar dois escritores na vida literária da cidade do Rio de Janeiro embasa a proposta de **Marcelo Diego**, que busca estudar a conversa direta ou tácita entre o último romance de Clarice Lispector, *A hora da estrela*, de 1977, e a primeira peça de sucesso de Nelson Rodrigues, *Vestido de noiva*, de 1943. Para além de um conjunto de pontos que nos levam a pensar na partilha de um ambiente cultural, a aproximação entre os dois autores complementa-se na identificação de uma série de coincidências cronológicas e de enredo entre os dois textos, remetendo, inclusive aos diálogos que elas estabelecem com outras obras, com forte destaque para a presença do repertório operístico na sua constituição. Recorrendo a nomes significativos da crítica brasileira, e não só, Marcelo Diego traz para a sua reflexão um tema que permanece na ordem do dia: a intrincada relação entre o local e o universal no terreno da nossa literatura. A presença do que Antonio Candido denominou “nexo de causalidade interna” pode ser captada na trajetória de Clarice, que enxerga “a presença do ‘espírito nacional’ em seu diálogo, jamais óbvio, com a produção de outros escritores do país; e em seus esforços, jamais programáticos, na constituição de uma tradição moderna brasileira”.

A cantiga lírica trovadoresca e as atualizações que dela fazem Camões, João de Deus e Natália Correia estão no centro do olhar de **Josyane Malta Nascimento**, que examina aspectos interessantes no movimento de homologação e distinção de propostas literárias em três períodos da literatura portuguesa – o clássico, o moderno e o contemporâneo. Considerando a lírica lusitana herdeira do trovadorismo peninsular de influência provençal, a autora detém-se no ideal de amor cortês, já visitado por Petrarca e Dante, observando como ele é incorporado por autores tão diversos. Em sua leitura, fica ressaltada a relevância do universo feminino nas obras, dado que oferece um instigante material para os estudos que, de diferentes maneiras, contemplam as questões de gênero na produção literária.

José Minervino da Silva Neto e **Ana Claudia Aymoré Martins** analisam a produção de dois poetas nordestinos, Augusto dos Anjos e de Manuel Bandeira, nos quais identificam como ponto de contato a capacidade de converter “a memória afetiva em substrato do fazer poético”, elegendo como eixo de sua leitura um tema que lhes é caro: a morte. Para eles, enquanto Augusto dos Anjos recorre à linguagem parnasiana e às referências simbolistas, escapando da reverência mística pelo apego ao cientificismo que explica a morte e a decomposição da matéria, Manuel

Bandeira opera sob a chave da melancolia para, à medida que sua poesia dissolve o ritmo e as demais categorias da poética tradicional, se situar perante o abatimento da morte sobre o *eu* e a ausência do outro.

Fernando Fiúza Moreira, seguindo uma linha semelhante, opta, todavia, por salientar as afinidades e destaca as linhas de continuidade entre os poemas “O grande circo místico”, publicado em *A Túnica Inconsútil* (1938), de Jorge de Lima, e “O circo”, publicado em *Crime na Calle Relator* (1987), de João Cabral de Melo Neto, a despeito da distância temporal que os separa. Segundo Moreira, além do tema, sugerido já em seus títulos, os poemas partilham um procedimento estético que coloca em tela uma profícua ligação entre narrativa e lirismo, traço que marca vertentes importantes da nossa poesia. O artigo explicita ainda como âncora de sua leitura a forte conexão entre os poetas, fundada não apenas em operações textuais, mas também em cartas, entrevistas e depoimentos.

O universo das relações entre os dois lados do Atlântico, construído na dura experiência colonial, na situação de periferia que nos cabe e na comunhão da língua portuguesa, tem alimentado os estudos comparatistas e dinamizado o conhecimento dos vários terrenos literários. **Adilson Fernando Franzin** amplia o escopo de sua reflexão incorporando elementos que cruzam os campos literário e musical e aproximam os imaginários artísticos do Brasil e de Moçambique. Priorizando as relações de contiguidade observadas no romance *O último voo do flamingo* e no conto “Águas do meu princípio”, incluído em *Pensatempos*, do moçambicano Mia Couto, e a canção “É doce morrer no mar”, do cantor e compositor brasileiro Dorival Caymmi, cujos versos são atribuídos a Jorge Amado, Franzin levanta questões pertinentes sobre as correspondências simbólicas firmadas sob o signo da resistência em ambos os países.

Apoiado em subsídios da historiografia e da sociologia, **Paulo Roberto Alves dos Santos** situa a vida e a obra de Luiz Pinto da Gama, protagonista de uma trajetória extraordinária, que teve sua história impressada sob uma poderosa cortina de silêncio a que os vínculos de natureza colonial condenam os autores negros, proposta que tem sua importância ampliada diante do retrocesso político-social que o país vive desde 2016, como aponta o autor. O estudioso vê no uso da sátira como modalidade literária uma acertada escolha do poeta para, afiando o seu olhar crítico, denunciar a brutalidade de uma dinâmica social centrada na lógica escravocrata, com resultados que atestam a extrema coerência entre seu empenho ético e a concepção estética da sua escrita, na medida em que “ao provocar o riso, Gama rompe os parâmetros pelos quais a ordem escravocrata se guiava, desestabilizando-a, porque contesta a autoridade senhorial, expondo suas contradições, como, por exemplo, o desrespeito às leis abolicionistas que criava”. Após contextualizar um percurso marcado pelos acontecimentos que no Brasil afetaram, ao longo de três séculos, a existência dos indivíduos negros, Santos destaca o paulatino interesse que a escrita de Gama tem despertado na crítica, em particular naquela que se centra na produção afro-brasileira, fato que contribui para preencher algumas das enormes lacunas que a dimensão escravocrata da nossa sociedade guarda.

Francisco Topa investe também em um território menos visitado pelo campo crítico. Estudando o poema narrativo *Juca, a matumbola*, publicado em 1865 e escrito por Ernesto Marecos, autor português que viveu em Angola, Francisco Topa apresenta-nos o que está na base deste registro: o fenômeno dos matumbolas, semelhante ao dos zumbis, amplamente difundido no folclore haitiano. Além de analisar este poema através de um exercício comparativo com sua provável fonte, o autor refere que esta temática não atraiu o interesse de antropólogos e outros especialistas. Contudo, as aparições do zumbi na obra de José Eduardo Agualusa e em um antigo projeto de romance de Luandino Vieira (*A maiombola de mentira*) confirmam o interesse que este tema gerou no campo literário.

Finalmente, o artigo de **Adriano de Paula Rabelo** defende a ideia de que Nelson Rodrigues promoveu a principal revolução na linguagem falada nos palcos, realizando aquela que talvez seja a mais completa recriação plástica da prosódia brasileira na literatura nacional. Radicalizando preocupações que estiveram na pauta do Romantismo e o Modernismo, o teatrólogo teria se aplicado nas tentativas de abasileiramento da linguagem no campo literário, consolidando pela literatura o processo histórico de apropriação da linguagem brasileira, o que fica evidenciado não só nos desvios da norma gramatical, como no aproveitamento dos diminutivos e dos superlativos, assim como no uso intencional das interjeições. Explorando a consonância entre temática a linguagem, o autor assinala o paralelo com Émile Zola, constatando que os dois “abriram janelas para o infinito a todos os autores que vieram depois deles no teatro e no romance de seus respectivos países”

Este número conta ainda com uma resenha, de **Wellington Augusto Silva**. O autor apresenta-se a obra *Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino*, de Alexandre Pilati.

A todos os autores, que responderam de maneira instigante ao desafio lançado há meio ano, em um tempo histórico que se mostra tão avesso ao diálogo artístico, à interlocução intelectual e a qualquer investimento que prevê o *outro*, fica aqui o registro de nosso profundo agradecimento.

Rita Chaves (Universidade de São Paulo)

Nazir Ahmed Can (Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAPERJ/CNPq)¹

Maria Ana Ramos (Universidade de Zurique)

¹ A participação neste texto e na organização deste número da *Revista Diadorim* foi apoiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ (Programa Jovem Cientista do Nosso Estado, processo nº E-26/203.025/2018) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Nível 2, processo nº 307217/2018-3).